



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. Talhoba—Lisboa • Telefone: 2  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

## Vão trabalhar!

A comparticipação de Portugal na guerra europeia sabe-se que foi uma aventura sem qualquer resultado. Rudeza por rudeza, mas não se assemelha às arremetidas impetuosas de D. Quixote contra os moinhos. Ruína porque com ela gastou a nação o que tinha, e o que não tinha, perdendo inteiramente o já pouco crédito de que gozava e mergulhando na miséria a mais aterrorizada. Esta miséria nacional, que de dia para dia progride e se agrava, como todos os flagelos não tratados, deu entrada para a governação pública a vários quidams, todos eles reclamando em programas pomposos a sua ciência política e a sua competência dirigente. Cada governo se apresenta como uma espécie de *Deus ex machina*, disposto a meter tudo nos eixos e a remediar radicalmente todos os males de que a nação enferma. Desde 1914 tem passado pelas cadeiras do poder não sabemos já que inenunciável quantidade de prodígios. E, sem embargo, vamos de mal a pior.

Porquê?  
Porque quem tem governado realmente é a incompetência, é a vaidade, e é a cubícia. Ser ministro em Portugal é fácil. Fácil e rendoso, vamos lá com Deus. Para ser ministro é preciso primariamente ter uma casaca preta. O necessário apoio parlamentar vem naturalmente, rapidamente, mercê das postas distribuídas. Os grandes problemas resolvem-se duma maneira simplíssima, por meio da frase consagrada: «Hel-de estudar o assunto, hei-de recomendar-lo ao meu colega do ministério...» Depois é intrujar descaradamente a população com uns quaisquer decretos, simpáticos para os pacóvios, que pretendem baratear a vida e só logram encarecê-la cada vez mais. Nenhuma das questões que mais interessam à população—intensificação agrícola, abastecimento, fomento industrial, etc.—foi ainda tratada duma maneira profunda e assizada. Tudo se vai em laçadas, tudo se vai em mentira.

Em mentira, principalmente. Olhem, por exemplo, a questão das subsistências. Que tem feito os numerosos prodígios políticos aos quais a governação pública tem sido entregue, desde a guerra até hoje, no sentido de arranjar a grei à miséria que a aflige? E, curiosíssimo examinar o trabalho efectuado neste sentido. Todo é hipocrisia, todo é falso, todo é mentiroso. A essência da questão—querem ver que os prodígios políticos a não compreenderam ainda?—a essência da questão das subsistências reside na insuficiência da produção nacional. A única medida capaz de atenuar a fome que nos assola seria aumentar a produção.

### AZEITES DE ALFERRAREDE

## A C. U. F. EM FOCO

### O julgamento principia hoje

Como uma autêntica nódoa de questão, vai alastrando cada vez mais a questão da alteração e sonegação do azeite, feitos pela C. U. F., conforme temos dito. Já começou a contra-dança da honestidade. Certamente vão esgotar-se agora todos os sinónimos daquela rara virtude, porque é tanta vez feita o seu emprego em todas estas escandalosas transacções, que os redactores dos jornais devem estar afilados com a composição dos seus períodos sem repetições enfadonhas...

Sobre uma passagem da entrevista com o dr. Sobral de Campos, publicada no *Século* de anteontem sentiu-se melindrado o sr. Charles Lepierre, e no outro dia o *Século* transcrevia uma passagem duma carta sua.

O sr. Lepierre sentiu-se alvejado com um sorriso irónico de Sobral de Campos, quando respondia a uma pergunta ao jornalista que o entrevistara. Essa pergunta era uma objecção indirecta às oposições do dr. Sobral de Campos, firmando-se nos resultados da análise feita por aquele senhor.

O *Século* não quis deixar ferido o sr. Lepierre. O sorriso do dr. Sobral de Campos só o poderá explicar. Todavia, o *Século* interpreta o tal sorriso do seguinte modo: O dr. Sobral de Campos teria querido significar que o sr. Lepierre examinara outro produto, diferente da substância estranha apreendida; portanto, não havia razão para duvidar da honestidade do autor da análise. E como esta razão não bastou ainda, transcreve parte da carta, em que aquele senhor afirma não ter relações algumas com a C. U. F., a não ser

que E como é que se consegue aumentar a produção? Trabalhando. Quere dizer: o que se precisa não é de decretos, não é de tabelas de preços, não é de senhas nem de cadernetas paroquiais, não é de um exército de fiscais que leva rios de dinheiro, não é de ministérios onde se anicham miríades de parasitas vorazes. O que se precisa é de trabalho. Gente que trabalhe de maneira a alcançar directamente os fins que se procuram.

Falta-nos o trigo? Falta-nos as batatas? Falta-nos a carne? Pois é tratar de semente mais trigo, de cavar mais batatas, de tratar maiores extensões de pasto.

O país, a população inteira está farta de prodígios governativos, de discursos parlamentares e de decretos complicados. O que se precisa é de mais pão. O que se precisa é de mais trabalho.

E' por essa razão que daqui nos permitimos convidar os prodígios políticos a mudar de tática. Vão trabalhar. Vão cavar batatas. Vão arrotar os sertões alentejanos. E levem consigo esse exército tremendo que se anicha nos ministérios, guarda republicana, policia, etc. São milhares de criaturas que nada fazem de útil e tem bom corpo para trabalhar. Ponham tudo isso em exercício. O trabalho é honroso e é higiênico. Trabalho que se veja, bem entendido. Dizem os sábios que o manejo da enxada equilibra o organismo muscularmente e não dá margem às manifestações artríticas. Ponham-se a cavar os prodígios políticos. Não se faz mister trabalhar mais de oito horas cada dia. Se todos os comedores que hodiernamente mandream trabalhar oitenta horas teriam Portugal uma superprodução fenomenal.

Tudo o que não seja isto é fraude. E' abuso de confiança exercido sobre uma população que ainda não logrou discernir bem as verdadeiras causas do seu mal estar. Uma população que, todavia, se vai já sentindo indecorosamente ludibriada, porque não tem azeite, porque não tem açúcar, porque não tem carne, porque não tem carvão, porque não tem nada daquilo que precisa. Os prodígios políticos não conseguem já convencer ninguém de que os seus decretos, as suas tabelas de preços, as suas hordas fiscalizadoras promovem a abundância dos géneros escassantes. Os decretos não se comem. As tabelas de preços valeriam de muito, mas era preciso que existissem à venda os géneros tabelados. O que é preciso é aumentar a produção. Vão trabalhar. Ou então digam claramente que a vadiagem política lhes é grata e não estão dispostos a abandoná-la senão quando a turba indignada os forçar a isso.

Não temos interesse em duvidar da probidade científica do sr. Charles Lepierre. Simplesmente não compreendemos como a análise feita por este senhor mostra que o azeite não pode ser alterado, devido a não ter, a substância apreendida, as bases indispensáveis para essa alteração, e numas experiências já realizadas com o mesmo produto, essa alteração se haja manifestado.

Entim, veremos o que se passará em pleno vigoramento, que tem hoje o seu início em Abrantes.

Nós adivinhámos o que vai passar-se, mas sempre queremos ver...

### Ataque a um jornal

Uma bomba causa uma morte e vários feridos  
MALAGA, 24.—Foi atirada uma bomba para a redacção do jornal *Unión Mercantil*, causando um morto e vários feridos, além de 15 mil pesetas de prejuízos materiais.  
Foram efectuadas várias prisões.—*Rádio.*

### A agitação na Irlanda

Tem decrescido, segundo a Havas  
LONDRES, 23.—A maior parte das cidades da Irlanda tem-se conservado em relativo sossego; em Londonderry é que tem custado mais a restabelecer a ordem. Os grupos de mais a grandeza tentaram ocupar de novo as grandes artérias da cidade e como a fuzilaria era muito viva o movimento na cidade e dos "ferryboats" no rio Fovle está por vezes paralisado.—*Havas.*

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Pasmoso!** Dizem-nos da Arcada: «O sr. ministro do trabalho levou à assinatura um decreto criando na *half* do seu ministério a galeria dos beneméritos da assistência, onde serão colocados bustos e retratos daqueles que à assistência pública ou particular ligaram ou venham a ligar os seus nomes. Os encargos dessa homenagem serão custeados pelos estabelecimentos contemplados, ficando desde já as instituições de beneficência privada autorizadas a dispendir o que for necessário para aquele fim.»

Não encontrou o sr. ministro outra forma de "fomentar" a benemerência dos velhos e novos-ricos, senão pela criação duma galeria de beneméritos... célebres ou melhor processo de auxiliar a arte, indo dessa forma cercar, sem dúvida, as reduziadas verbas destinadas às infelizes crianças que tam mal vivem por esses asilos. A nós revoltamos este facto.

**Esquerdo...** Ao que se afirma, está finalmente constituído governo. Das esquerdas se diz e para se verificar que direito não é basta dizer-se que tem à sua frente o sr. António Maria da Silva.

Eis os novos... estadistas, segundo um jornal da noite de ontem:  
Presidência e finanças—António Maria da Silva.  
Interior—Pedro de Lima.  
Justiça—Mesquita de Carvalho (ainda duvidoso).  
Guerra—Tenente-coronel Velez Carroço.  
Marinha—Macedo Pinho.  
Agricultura—Vasco de Vasconcelos.  
Estrangeiros—Vasco Borges.  
Comércio—Paiva Gomes (duvidoso).  
Agricultura—João Gonçalves (duvidoso).  
Trabalho—Costa Júnior.  
Instrução—José Domingos dos Santos.

Com duvidosos e tudo, será um ministério admiravelmente canhoto...

**Condecorado...** Foi-o também o grande Afonso, que vem de abichar atrocemente para usar as insignias: das grã-cruzas das ordens do Império Britânico e da coroa da Bélgica e o grande oficiado da ordem nacional da Legião de Honra da República Francesa.

O grande Afonso fez parte do governo provisório que, como se sabe, aboliu os penduricalhos. Mas aceita-o agora, porque não faria sentido que, neste, como em muitos outros casos, não estivesse em contradição com a sua própria obra...

## As greves

Tudo indica que os movimentos grevistas ultimamente declarados, especialmente o das classes marítimas, vão a caminho de solução. Conforme disse, por determinação da Federação Marítima, o pessoal da Companhia Nacional de Navegação retomou ontem o trabalho, não se tendo solucionado por completo o conflito, devido à forma incorrecta como o director dos Transportes Marítimos do Estado usou para com uma comissão daquela Federação, que o havia procurado.

Como abaixo se verifica os grevistas fogiteiros de mar e terra deram por terminado o seu movimento na Companhia Nacional de Navegação e nos Transportes Marítimos do Estado.

**Inscritos Marítimos**  
Manteve-se com firmeza. Em virtude da Federação Marítima não ter ainda recebido qualquer desagravo do director dos Transportes Marítimos do Estado, foi resolvido que o seu pessoal mantivesse a mesma atitude até que seja satisfeita a aspiração da referida Federação.

Anteontem de manhã, quando uma comissão de inscritos marítimos se encontrava na Rocha do Conde de Obidos, uma força de cavalaria da guarda republicana, sem motivo para tal, correu sobre o grupo que tratou de fugir como pôde, tendo-se refugiado alguns indivíduos numa taberna próxima; um dos soldados aprou-se e entrando no estabelecimento começou agredindo à espadrejada quem lá se encontrava, enquanto os colegas que guardavam as portas faziam o mesmo aos que procuravam fugir. Entre os agredidos contam-se um pobre velhote de 75 anos, que tem sido um mouro de trabalho, e Luís Morais, rua Rodrigues da Fonseca, 38, 5.º que foi uma das vítimas mais atingidas pela brutalidade da guarda republicana.

### Fogoeiros de Mar e Terra

A Comissão de Melhoramentos da Associação dos Fogoeiros de Mar e Terra, avistouse ontem com a direcção da Companhia Nacional de Navegação e do director dos Transportes Marítimos do Estado, chegando-se a um acordo, dando-se por esse facto como terminado o conflito, devendo o pessoal de fogo retomar o trabalho à hora habitual.

São as seguintes as condições firmadas entre o director dos T. M. E. e os delegados dos fogoeiros em greve:

1.º Que as horas extraordinárias, serão pagas como até esta data; até ao conhecimento das resoluções do Congresso de Génova.  
2.º Que estando o Congresso do Trabalho, estudando em Génova vários assuntos relativos às classes marítimas, tais como soldadas e regime de 8 horas, aguardando as resoluções tomadas nesse congresso para ficarem fixados esses dois pontos, e ainda a alteração que devemos fazer às nossas tarifas em face dos nossos encargos.  
3.º Que esta forma amigável e lógica, protelando por poucos dias a solução do caso, tem a vantagem de fixar a época indicada da representação da solução do conflito (de Génova) para a realização da reclamação da classe marítima, permitindo então a amadores e tripulantes, ajustarem os seus interesses por uma forma estável e conveniente para as duas partes.

As soluções do Congresso de Génova, relativamente

## OS OPERÁRIOS É QUE GANHAM MUITO...

7:260\$00 por ano... é barro

É quanto tem cada administrador da Caixa Geral de Depósitos. Mas para eles terem tanto, não tem os contratados a ajuda de custo...

As frequentes reclamações que quasi diariamente vem a público sobre factos que ocorrem na Caixa Geral de Depósitos, a alguns dos quais *A Batalha* se tem referido, levou-nos a procurar saber dos próprios interessados alguma coisa que nos esclarecesse suficientemente acerca dos mesmos factos. Porém, o acaso deparou-nos um nosso amigo, empregado antigo da Caixa, de quem tivemos ensejo de ouvir declarações interessantes.

A queima-roupa, logo que nos aproximamos e feitos os cumprimentos habituais, desfechamos-lhe esta pergunta:—Diga-nos lá: são então verdadeiras as notícias vindas a público sobre irregularidades na Caixa?

O nosso interlocutor, referido da surpresa, muito amavelmente, sem rodeios, respondeu-nos:

—Completamente; e tanto assim que contestação alguma apparece.

—E, prosseguiu, não mais à vontade:—A administração está incomparavelmente com o pessoal desde a greve de Março. Não pôde ver que o pessoal tivesse aderido à greve do funcionalismo, de que não tinha, de resto, que admirar-se, visto mostrar de há muito o maior desprezo pelo pessoal. A base de tudo está na autonomia dada no tempo de Sidónio Pais à Caixa. Mas, em abono da verdade, deve dizer-se que durante o dezembrismo tudo foi andando serenamente e, tanto assim, que o sr. Carneira, administrador geral nessa época, recolheu duas afectuosas mensagens de simpatia da unanimidade do pessoal. Agora seria impossível isso!

**Procedimento que seria singular se o singular não fosse normal...**  
Versando quasi todas as notícias o caso da ajuda de custo, interrogámos o nosso amigo sobre, com certo interesse, o nobre amvel informador.

—Ah! Isso é uma autêntica vergonha para o regime e que se fez com o consentimento do ministro das finanças demissionário. Ora escute: A ajuda de custo foi extensiva a todo o funcionalismo, qualquer que fosse a sua situação. Em todos os estabelecimentos, dependências e serviços autónomos, como na Exploração do Porto de Lisboa, Junta do Crédito Público, Universidade e anexos, Penitenciária, Transportes Marítimos, Assistência Pública, etc., a todos os funcionários foi paga a ajuda de custo. De modo que o pessoal contratado da Caixa, que não está numa situação de adventício, mas contratado pela lei 3980, e com diplomas de funções públicas, inofensivamente tem direito a ela, e todavia não a recebe por um inqualificável abuso de administração, abuso que o ministro consentiu.

—Trata-se então dum estado dentro do Estado? inquirimos.

—Nem mais. Olhe: os administradores até dizem: «Os ministros passam e nós ficamos». Não se trata duma afirmação gratuita, fique isto bem assente. Um certo pasmo da nossa parte. O nosso amigo continuou:

—Mas deixe-me descobrir-lhe toda a immoralidade da recusa da ajuda de custo. A administração tem 1% (são cinco administradores agora) sobre os lucros líquidos da Caixa, de modo que, como pagaria aos contratados pelas receitas do estabelecimento, à semelhança do que acontece com o pessoal do quadro, os administradores recebem ver diminuídos os seus 7:260\$00 de vencimentos, mais repartidos: ordenado líquido, 2:400\$00; participação quadrimestral, pelo menos, 4:200\$00; subvenção, 180\$00; ajuda de custo, 490\$00, somando no fim do ano 7:260\$00.

—Mas, retorquimos nós, isso é um

de a data da assinatura do compromisso

5.º A aplicação das deliberações do Congresso será regulada segundo as indicações do Governo.

6.º Que foi tomado este compromisso no sentido das anteriores cláusulas, entre a Direcção dos Transportes Marítimos do Estado e os associados desta Associação, e para ser cumprido se firmou este pacto.

Este compromisso tem as assinaturas dos srs. Fernando Pedro Celestino Soares e Alvaro Augusto Nunes Ribeiro, pelos Transportes Marítimos do Estado, e José de Almeida, António Marques da Silva, Albino J. de Amorim e José de Araújo, pela Associação de Classe dos Fogoeiros de Mar e Terra.

**Em Guimarães**  
Está em greve o pessoal feminino duma fábrica

GUIMARÃES, 23.—C.—Não podemos lá suportar as suas precárias circunstâncias económicas, o pessoal feminino da fábrica da Avenida tratou de reclamar aumento de salário e como não fossem atendidas as suas reclamações, declararam-se em greve. Infelizmente, como sucedeu no seu último movimento, os homens cometeram a cobardia de não acompanhar as mulheres no seu gesto activo e reivindicador, querendo alguns desses verdadeiros traidores passar como homens conscientes, quando dão uma tristíssima nota, das mais vergonhosas, deixando o pessoal feminino em luta com o patronato, a quem eles, com a sua atitude subserviente, dão força para amanhã lhes escarrar na cara.

**Trabalhadores da Batalha**

rendimento superior ao dos próprios ministros e contrário à lei 388, de 8-9-1919, lei que, sendo cumprida, não permite que nenhum funcionário receba mais de 4:500\$00, incluindo todos os emolumentos.

**Onde se prova que as leis só são para os pequenos**  
—Tem razão. Mas para os administradores da Caixa não há leis nem ordens. E para prova, aí vai um exemplo. O ministro das finanças, em virtude de um conselho de ministros se ter resolvido que a ajuda abrangesse todos os funcionários, qualquer que fosse a sua situação, enviou a circular 1.057 de 25 de Abril a todas as repartições, dependências e serviços autónomos, ordenando o pagamento a pessoal contratado. Mas na Caixa, a administração nega-se a cumprir a doutrina da circular e foi falar com o ministro, emburalhando-o de tal maneira que por fim, como são todos da mesma panelinha, obteve a sua imoral concordância.

—Isso é extraordinário!

—Está espantado? Então ainda se vai admirar mais. O caso foi discutido no parlamento pelo deputado António Pereira, respondendo o ministro que a ajuda de custo não era extensiva aos estabelecimentos autónomos e que os contratados, aos quais, no entanto, não negou estarem abrangidos, tinham participado nos lucros. Esqueceu o ministro a sua circular de 10 de Abril aos serviços autónomos, mandando pagar a ajuda pelas receitas desses estabelecimentos e serviu de porta-voz à desfeiteza da administração, atirando aos empregados com a participação ao arbitrio dela, que a recebe bem gorda e sem falhas.

—Em que condições, então, ficaram os contratados?

—Agora os contratados recebem, quando muito, 36\$000 quadrimestrais, descontando para a caixa de aposentação, imposto de rendimento, quando não ficam a fazer cruces. Não duvide destes factos, que não podem ser desmentidos.

—São, na verdade, uns reis absolutos!

—Sim, mas com vassallos poderosos, como o demonstra o grosso escândalo do caso Augusto de Castro, que nunca será de mais divulgar-se.

—E' verdadeiro o que se diz a tal respeito?

—Escute: Este senhor, chefe de repartição, passou-se meses e até anos em que não faz serviço. No entanto, recebe todos os vencimentos: São: 160\$00 de categoria, 20\$00 de gratificação (por não comparecer na repartição) e 40\$00 de ajuda de custo. Total, 220\$00, por mês, sem nada fazer! Tem uma comissão para mascarar o caso, mas a expediente não colhe.

—Estamos deversas admirados com o que por lá se passa, o que representa verdadeiros abusos e irregularidades.

—Há ainda mais e melhor—confirma-nos o nosso informador—mas a nossa conversa já vai longa e a hora de entrada aproxima-se. Breve falaremos.

E, ao apartarmos-nos, num cumprimento ligeiro:

—Olhe, se tiver paciência de me ouvir, há matéria para uns vinte artigos...

Afastamo-nos, recolhendo mentalmente as principais passagens da nossa conversa. E a caminho desta oficina onde estamos escrevendo, vihamos meditando na audácia com que certos moralistas de padocilha fazem campanhas de moralidade nas *sol-das* avançadas do progresso, quando é certo que na vida prática procedem exactamente em sentido contrário...

**A moralidade prega-se... aos outros**

—Escute: Este senhor, chefe de repartição, passou-se meses e até anos em que não faz serviço. No entanto, recebe todos os vencimentos: São: 160\$00 de categoria, 20\$00 de gratificação (por não comparecer na repartição) e 40\$00 de ajuda de custo. Total, 220\$00, por mês, sem nada fazer! Tem uma comissão para mascarar o caso, mas a expediente não colhe.

—Estamos deversas admirados com o que por lá se passa, o que representa verdadeiros abusos e irregularidades.

—Há ainda mais e melhor—confirma-nos o nosso informador—mas a nossa conversa já vai longa e a hora de entrada aproxima-se. Breve falaremos.

E, ao apartarmos-nos, num cumprimento ligeiro:

—Olhe, se tiver paciência de me ouvir, há matéria para uns vinte artigos...

Afastamo-nos, recolhendo mentalmente as principais passagens da nossa conversa. E a caminho desta oficina onde estamos escrevendo, vihamos meditando na audácia com que certos moralistas de padocilha fazem campanhas de moralidade nas *sol-das* avançadas do progresso, quando é certo que na vida prática procedem exactamente em sentido contrário...

**Pessoal da Câmara**

Na sessão da Câmara Municipal, ontem realizada, foi presente uma representação do pessoal burocrático solicitando melhoria de situação.

Depois de larga discussão, foi apresentada pelo sr. Magalhães Lima Peixoto uma proposta para que mensalmente e a título de subvenção, seja abonado aos funcionários que recebem os seus vencimentos aos meses, quer dos quadros quer contratados, a quantia de 40\$00, com excepção daqueles cujas funções são idênticas às de outros que vencem pelas folhas de jornais, tais como: moços, guardas, cozeiros, electricistas, aparelhadores, fogoeiros, etc., e ainda do pessoal inabilitado e menor de 21 anos, sendo proposto mais que ao pessoal exceptuado no número anterior seja abonado mensalmente o subsídio de 20\$00. O abono, segundo a proposta, é provisório e será pago a partir de 1 de Julho próximo.

Esta proposta, que foi aprovada por unanimidade, será submetida à apreciação da Câmara. O sr. Sousa Neves apresentou a seguinte proposta:

Considerando que o pessoal operário da Câmara Municipal é vítima das mesmas dificuldades que alancem a vida dos funcionários deste município, propõe que o sr. Magalhães Peixoto seja encarregado de trazer a uma próxima sessão da Comissão Executiva uma proposta que dentro dos recursos da Câmara melhore a situação do seu operariado, a exemplo de que se fez com o pessoal administrativo.

Esta proposta foi unanimemente aprovada com um aditamento do sr. Magalhães Peixoto para o sr. Sousa Neves ficar também encarregado da elaboração da sua proposta referente aos operários.

## OS RESULTADOS DA GUERRA

O martírio das crianças austríacas

COMO EM TODA A PARTE, NA AUSTRIA, O POVO É QUE SOFRE AS CONSEQUÊNCIAS

—Eu? Catorz.

Afastamo-nos das, e o vice governador diz-me:

—Aqui tem você os efeitos da fome que as crianças vienenses estão sofrendo desde há seis anos. São já adolescentes e parecem crianças. Quase todas estão predestinadas para a física, e perdê-las-emos antes que cheguem aos vinte anos. Pelo menos cem mil crianças austríacas perderam para sempre a sua saúde, como consequência da alimentação insuficiente. A excepção dos filhos dos "novos ricos", nenhuma criança tem provado leite desde há anos nem comido um só ovo. Sem a misericórdia das Missões estrangeiras, teriamos perdido inevitavelmente, uma geração inteira.

Vamos a outra casa e desemos à cave. Batemos a uma porta; abre-a uma mulher que tem o aspecto duma velha. Encontramo-nos num quarto semi-escurado, de três metros de comprimento e meio de largura. Num colchão velho e sujo está deitada uma criança. Uma outra menina, duns oito anos, ajuda sua mãe a separar por dúzias um monte de colchets. Em toda a habitação não há senão três colchets e duas cadeiras.

A mãe responde com volubildade às nossas perguntas. Tem quatro filhas. A mais velha tem nove anos. A mãe fez dez anos que se casou; agora tem trinta. Seu marido deve estar preso na Sibéria. Mas não sabe nada dele.

—Quanto ganha por dia?

—Uma vinte coroas. Minha filha mais velha procura coque no lixo, e por um quilo dão-nos três coroas.

—E que comem? Batatas?

—Não senhor. As batatas são demasiado caras. Podem-nos por um quilo oito coroas e até mais.

—Uma vez tomei "café branco"—exclama a pequena, querendo indicar que bebeu café com leite.

—Quando?—preguntei-lhe.

A criança não compreende bem a minha pergunta e responde:

—Já, não sei quando voltarei outra vez a tomar "café branco".

—Tens, pelo menos, bastante pão?

—Ela baixa os olhos e responde:—Não, senhor.

A mãe esforça-se por rir.

—Já, esta seria capaz de comer até meia libra de pão! (Nunca tem bastante!)

Neste momento descubro na parede uma ilustração má e barata, intitulada "Reise durch Schlaraffenland" (Viagem através do Eldorado). O acaso tem às vezes esta espécie de ironia cruel...

**POR UMA MÃE!**

**QUEM NOS AJUDA?**

Ontem, à tarde, quando trabalhávamos nesta oficina, que muito visitada é quer de dia, quer durante a noite, procurou-nos um velho camarada, dos mais idosos militantes operários. Não vinha só. Fazia-se acompanhar duma rapariga dos seus 26 anos, bem-parecida, trazendo uma débil criança nos braços.

Supuzemos a princípio que a rapariga fosse filha do nosso provento camarada, mas imediatamente, pela exposição que nos foi feita, verificámos que havíamos errado na nossa suposição.

Dentro em pouco conhecíamos a história da pobre rapariga, história idêntica a multissimas outras e cujo desfecho é geralmente o mesmo.

Rapariga da provincia, deixou-se enamorar por um rapaz caixeiro, também da provincia, que breve a abandonou, motivo porque veio servir para Lisboa.

Quando estava prestes a ser mãe, deu entrada no hospital de S. José, onde há pouco teve o resultado dos seus humanos amores—uma menina que ainda não conta um mês. Saliu há dias do referido hospital, mas não saiu só—trouxe consigo a recém-nascida, o que, se lhe é agradável como mãe, a impede todavia de ganhar a vida honestamente.

Sem família, sem um conhecimento amigo, só, nesta capital tam grande na área como no vício, foi parar ao Albergue Nocturno, onde tem encontrado a sua vida.

O pior é que o referido albergue só pode ficar-se durante três noites seguidas e a última, para ela, era a de ontem.

Quis o acaso que o supracitado camarada tomasse conhecimento, não, pela exposição que a rapariga estava fazendo a uma outra, da sua ingrata situação. E então, movido por um destes impulsos de solidariedade humana que só podem ser justamente compreendidos por quem tem coração, mas impotente para, com os próprios recursos, que são bem modestos, poder prestar o necessário auxílio à pobre mãe, trouxe-a a esta oficina, na esperança de assim ser secundado no seu generoso propósito.

O pior é que os sindicalistas que nesta casa trabalham—aliás considerados, por uma parte da sociedade, quasi como meros—desejando ser úteis a uma criatura que, como aquela de que se trata, carece de assistência, pouco mais podem fazer que o velho militante.

A infeliz rapariga, que deseja criar sua filha, não o pode fazer porque impossibilidade não tem de manter-se sem trabalhar. E o trabalho que tem que realizar é dos que mais penosos pode tornar-se para uma mãe: terá que ir amamentar qualquer criança com o leite com que alimentaria sua própria filha, que será forçada a entregar aos

—Eu? Catorz.

Afastamo-nos das, e o vice governador diz-me:

—Aqui tem você os efeitos da fome que as crianças vienenses estão sofrendo desde há seis anos. São já adolescentes e parecem crianças. Quase todas estão predestinadas para a física, e perdê-las-emos antes que cheguem aos vinte anos. Pelo menos cem mil crianças austríacas perderam para sempre a sua saúde, como consequência da alimentação insuficiente. A excepção dos filhos dos "novos ricos", nenhuma criança tem provado leite desde há anos nem comido um só ovo. Sem a misericórdia das Missões estrangeiras, teriamos perdido inevitavelmente, uma geração inteira.

Vamos a outra casa e desemos à cave. Batemos a uma porta; abre-a uma mulher que tem o aspecto duma velha. Encontramo-nos num quarto semi-escurado, de três metros de comprimento e meio de largura. Num colchão velho e sujo está deitada uma criança. Uma outra menina, duns oito anos, ajuda sua mãe a separar por dúzias um monte de colchets. Em toda a habitação não há senão três colchets e duas cadeiras.

A mãe responde com volubildade às nossas perguntas. Tem quatro filhas. A mais velha tem nove anos. A mãe fez dez anos que se casou; agora tem trinta. Seu marido deve estar preso na Sibéria. Mas não sabe nada dele.

—Qu



